

O PAPEL DO ORÁCULO NA VIDA GREGA

Neide Cupertino de Castro Smolka

Como todos sabem, a religião exercia papel relevante no mundo grego. Mas, para entendermos como era esta religião, devemos pensar, em primeiro lugar, que os gregos não tinham profetas, nem legisladores que se tivessem preocupado com a natureza de seus deuses, nem tampouco livros sagrados, cuja autoridade fôsse decisiva no que diz respeito à doutrina e, também, nenhuma organização centralizada de hierarquia sacerdotal.

A religião grega, em muitos de seus aspectos, tem origem nas crenças populares. Assim, se o camponês se preocupava com os fenômenos da natureza, nem por isso os considerava entidades divinas, mas uma forma de representação ou obra dessas entidades, como o fazem até hoje algumas tribos primitivas. Em situações normais, êle jogava um beijo ao sol nascente, da mesma forma como saudava a volta das andorinhas, sem nenhuma devoção especial. Mas, se algo não ia bem, se a chuva demorava a cair, se o calor era muito forte, aí então, êle erguia os olhos para os cumes mais altos das montanhas, pois lá êle sabia ser a morada do onipotente senhor do raio e do trovão. A êle sim, êle respeitava, nêle confiava, pois se os sacrifícios, que lhe oferecesse, agradassem à divindade, ela resolveria todos os seus problemas.

Se o pastor apascentava as suas ovelhas, erguia também os olhos e pedia a certa divindade que afastasse do rebanho o lobo, seu maior inimigo, e suplicava à outra que se mantivesse favorável, pois, quando esta se encolerizava, os animais saíam em desabalada corrida, num verdadeiro “estouro da boiada”

Também os elementos físicos tinham suas divindades, e assim, cada rio e cada montanha eram dedicados a entidades divinas mas tudo isso em grande desordem, sem hierarquia definida, nem atribuições demarcadas.

Heródoto, o grande historiador do V séc. a.C., (1) bem explica êsse estado de coisas e essas formas de pensamento mítico-religioso, quando diz textualmente: “De onde veio cada deus, se êles

(1) — Livro II, § 53.

sempre existiram, que aspecto tinham, ignorava-se até há bem pouco tempo, até ontem, pode-se dizer; pois Hesíodo e Homero viveram quatrocentos antes de mim, não mais; e foram êles que, nos seus poemas, fixaram, para os gregos, uma teogonia, atribuíram aos deuses os seus nomes, distribuíram entre êles as honras e os cargos e assinalaram os seus aspectos”

Como já disse Nilsson (2), sentimos nessas palavras uma preparação para o racionalismo que, pouco depois, iria representar os deuses como invenções humanas. E podemos dizer, sem dúvida, que os poemas de Homero, ainda que não fôssem considerados como fontes sagradas, exerceram sôbre o povo grego papel semelhante ao que a Bíblia representou, em épocas passadas, para o povo judeu.

Os livros de Homero eram usados nas escolas e assim as crianças, desde cedo, ao lado da aprendizagem puramente escolar, entravam também em contato com os deuses, suas vidas e suas características. A descrição que Homero faz dos deuses, de seu aspecto exterior, de suas aparições, de suas atividades, firmou-se, dêsse modo, na imaginação dos gregos. Sabem que Zeus é o deus supremo. Vêem-no reunido com os seus vassallos, os demais deuses, em seu palácio cercado de muralhas, no cume do Olimpo. Vêem os vassallos tentando sobrepor a sua vontade à de Zeus que, muitas vêzes, lança contra êles palavras ameaçadoras.

Essa visão que tem o homem grego de uma hierarquia e realza divinas é completada pela obra de Hesíodo que, na *Teogonia*, põe em ordem a inumerável multidão de deuses que vive no Olimpo. Faz uma árvore genealógica que começa com a criação do mundo, quando existia o Caos — a matéria prima sem ser ordenada — do qual surgiu o mundo ordenado — o Cosmos. A evolução prossegue e temos a Terra, o Tártaro, Eros, que é o instinto da reprodução, considerado como a fôrça motriz da evolução. E para sintetizarmos, Hesíodo continua e apresenta a segunda geração dos deuses, chefiada por Cronos e, finalmente, a terceira, cujo chefe supremo é Zeus.

E, com isso, o homem grego tem tudo de que precisa para constituir a sua religião: os deuses com hierarquia organizada e as atribuições de cada deus. Se Homero se preocupou mais com os grandes deuses — Zeus, Apolo, Atena, Hera, Afrodite, Ares, Hefesto, — Hesíodo, por seu caráter de homem do campo, de homem simples, valoriza também as demais divindades, ligadas à terra, aos bosques, à caça e às plantações.

A religião grega caracterizava-se pela grande liberdade e por uma tolerância cheia de compreensão, pois não tinha um conjunto

(2) — Nilsson, N.P. — *História de la Religiosidad Griega*, Madrid, Ed. Gredos, 1969, 2.a ed., pág. 10.

de leis rígidas, que levassem o homem a certas obrigações e nem tinha uma classe sacerdotal que consagrasse sua vida tóda ao serviço dos deuses e dos templos. Os sacerdotes eram simples cidadãos que, além das obrigações ligadas à sua vida particular e à cidade, tinham a missão de cuidar do culto de um deus e de proteger o seu templo. Dêsse modo, se estava nas mãos dos sacerdotes orientais a conservação da tradição, a preocupação com a ciência incipiente — tudo, portanto, que dissesse respeito a problemas de ordem cultural —, na Grécia isso não acontecia, pois desde época bem antiga quem se preocupava com isso eram leigos — poetas e prosadores. Dessa situação, decorreu a liberdade de pensamento, característica grega por excelência e, além disso, o nascimento, na Grécia, da filosofia e da ciência.

Apesar dessa liberdade, os gregos tinham necessidade, como os outros povos, dos deuses para explicar fatos e ocorrências, para os quais não havia explicação. Assim, problemas ligados não só à natureza humana, mas também ao universo, cercados de mistérios que exigiriam uma explicação, êles os transferiam para os deuses, que governavam não só o coração dos homens, mas também os fenômenos da natureza.

Os seus deuses, porém, eram apresentados sob forma humana, e não só o seu aspecto exterior era humano, mas também o seu modo de ser e de agir. Tinham qualidades e defeitos como os seres humanos e, por isso, a atitude dos homens em relação a êles tinha mesmo de ser de tolerância cheia de compreensão. Tanto os deuses como os homens eram filhos da terra, mas havia entre êles duas grandes diferenças: a imortalidade e o poder.

Os deuses não morriam, nem sequer envelheciam. Possuíam assim a serenidade e a tranquilidade dos que não têm de preocupar-se com o dia de amanhã, nem viver naquela constante angústia da espera da passagem para o nada. Assim, como diz Bowra (3), “se os deuses são belos, sua beleza resulta da fôrça inexgotável, da confiança que têm em si próprios e da harmonia que existe entre o corpo e o espírito”

E o poder que êles detêm é que leva os homens, que se sentem inferiores, a constantemente os invocarem, pedindo-lhes auxílio e querendo saber a respeito de tudo, mesmo dos fatos mais corriqueiros de sua vida de mortais, qual a opinião dos deuses, pois êstes, com a sua onipotência e clarividência, são os seus melhores conselheiros.

(3) — Bowra, C. M. — *A Experiência Grega*, Lisboa, Ed. Arcádia Limitada, 1967, pág. 77.

As orações dirigidas aos deuses compunham-se três partes:

1. invocação, sendo o deus invocado segundo os seus títulos e santuários;
2. sanção, em que o devoto mostrava ao deus os serviços que já lhe prestara, querendo com isso conseguir as boas graças da divindade;
3. súplica, na qual fazia o pedido que queria que fôsse atendido.

E' um belo exemplo de oração aquela que Crísis, cuja filha estava em poder dos aqueus, dirige a Apolo (4):

“Escuta, ó senhor do arco prateado, protetor de Crísis, que em Cila, a santa, e Tênedos governas poderosamente, Esminteu, se alguma vez te ergui um lindo templo, ou se alguma vez sacrifiquei as coxas bem cobertas quer de bois, quer de cabras, faze-me aquilo que agora te suplico: que os Dânaos recebam a recompensa das minhas lágrimas por meio das tuas flechas”.

Como vemos, é bem diferente das orações dos tempos modernos, quando o homem se rebaixa, dizendo-se pecador e não merecedor de uma graça. Não. Entre os gregos, nota-se uma maior aproximação — é uma conversa entre amigos que se tratam quase em pé de igualdade — “eu lhe fiz isso, agora preciso de sua ajuda”

Além da oração, exerciam papel importante na religião grega as adivinhações. Os gregos acreditavam plenamente na vontade que tinham os deuses de informar o futuro através de presságios e nunca duvidaram da possibilidade que tinham de, por meio de sinais e de sonhos, profetizar acontecimentos. Assim, quando ofereciam sacrifícios, quer para aplacar a cólera divina, quer para perscrutar os seus desígnios, o que acontecia com os animais imolados servia de sinal para se saber se o sacrifício tinha ou não agradado ao deus. E quando se tratava de assuntos importantes — por exemplo, uma declaração de guerra ou antes de iniciar-se um combate —, era costume oferecer sacrifícios para saber de antemão qual seria o resultado. Serviam de sinais o vô e o canto dos pássaros, o modo de cair dos dados, palavras ouvidas por casualidade, o murmúrio das árvores, quando batidas pelo vento, o ruído das fontes etc. Havia uma técnica especial para se interpretarem sinais e presságios, e os adivinhos — “mân-

(4) — *Iliada*, I, 37-42.

teis” — e os intérpretes de sonhos — “oneiopóioi” — gozavam de enorme reputação.

Grande importância no que diz respeito à predição do futuro tiveram os oráculos. Mas, o que eram oráculos? Eram instituições do culto, eram consagrados a um deus, instalados em santuários e administrados por sacerdotes. O oráculo tinha três elementos essenciais: um deus inspirador, um sacerdote para transmitir o pensamento divino e um lugar determinado. E a palavra grega — “manteion” — significava tanto a divindade que respondia à consulta, como as respostas que ela revelava e o lugar onde era feita a revelação (5)

Êles estavam, na sua maior parte, estritamente ligados a famílias sacerdotais e, muitas vezes, a história de um oráculo é a história dessa família. Elas vinham de épocas bem remotas, formavam clãs especiais e eram donas de imensas riquezas, uma vez que o dízimo de tudo o que era consagrado aos oráculos lhes pertencia. O mais antigo dos oráculos conhecidos, o de Dodona, estava ligado à família dos Hellas; o de Delfos, à família dos Tráquidas e dos Deucaliônidas; o de Dídimes, à família dos Brânquidas e assim por diante.

Os deuses mais ligados aos oráculos eram Zeus e Apolo e havia espalhados por toda a Grécia santuários desses dois deuses, com os seus respectivos oráculos. Os principais eram:

- 1 o de Delfos, dedicado a Apolo. Foi, sem dúvida, o oráculo mais importante da antiguidade. Conheceu seu esplendor entre 700 e 450 a.C.;
2. o de Dodona, no Epiro Meridional, dedicado a Zeus. Era, como já dissemos, o mais antigo dos oráculos conhecidos. E’ citado por Homero, que diz (6): “Senhor Zeus, deus de Dodona e dos pelagos, deus distante! Tu que reinas sobre Dodona, a inclemente, no país que habitam os Hellas, teus intérpretes que jamais lavam os pés e só se deitam na terra. ”

Nesse santuário, a revelação da profecia baseava-se no vôo dos pássaros, no ruído de uma fonte milagrosa que, diziam, reacendia tochas apagadas e, principalmente, no murmúrio dos carvalhos;

- 3 o de Ábas, na Fócida, dedicado a Apolo. Muito pouco se sabe desse oráculo, a não ser que era famoso por suas riquezas e que foi destruído pelas tropas de Xerxes, durante as guerras médicas;
4. o de Dídimes, em Mileto, dedicado também a Apolo e mais conhecido pelo nome da família que o presidia, a família dos Brân-

(5) — Quanto ao lugar não era obrigatoriamente um templo. Havia oráculos localizados em cavernas e outros até ao ar livre.

(6) — *Iliada*, XVI, 233 e ss.

quidas. Foi da mesma forma que o de Ábas, destruído pelos persas;

5 o de Trofônio, na Beócia, cujo patrono era Trofônio, filho de Ergino, rei de Orcômeno, que depois de ser engolido pela terra, passara a fazer profecias numa caverna, onde se descia por uma escada, tendo o consulente um bôlo em cada mão. Ao sair de lá, a pessoa ficava longo tempo em transe e só depois recebia a resposta divina;

6. o de Anfiarau, em Tebas, dedicado a Anfiarau, ilustre advinho, antigo rei-sacerdote e profeta de Argos, que desaparecera na expedição dos Sete contra Tebas. Em sua honra, muitos santuários surgiram em vários pontos da Grécia. O mais importante era o de Oropos, em Tebas. Lá, uma fonte milagrosa curava os doentes e as respostas eram dadas através de sonhos.

Eram muitos os que consultavam os oráculos e as perguntas que faziam eram as mais variadas. Podemos dizer que o oráculo fazia as vezes de um médico ou de um advogado. Alguns vinham por questões particulares e outros, como emissários oficiais — “*theoprópoi*” — não só de cidades gregas como também do mundo bárbaro. Os oráculos eram tão procurados que era considerado um privilégio o direito de promancia, isto é, o direito de consultar o oráculo antes dos outros.

Antes da consulta, a pessoa interessada devia oferecer um sacrifício e os sacerdotes observavam a vítima. E diz textualmente Plutarco (7): “é preciso que os seus membros estremeçam juntos, batidos por palpitações e agitações acompanhadas de um murmúrio convulsivo. Se êsses sintomas não se manifestam, os sacerdotes dizem que o oráculo não pode manifestar-se” Os consulentes deviam também estar purificados. Em Anfiarau, por exemplo, era necessário que êles se abstivessem de vinho por três dias, jejuassem um dia e sacrificassem um carneiro.

A princípio as consultas eram concedidas raramente. Assim, o oráculo de Delfos só atendia uma vez por ano, mas depois passou a atender uma vez por mês, nos meses de verão. Os que consultavam eram atendidos por ordem de chegada, salvo os que gozavam do direito da promancia.

Como dissemos, as consultas eram as mais variadas possíveis: desde grandes projetos, como a fundação de uma cidade ou a declaração de uma guerra, até fatos os mais mezinhos, como o desaparecimento de objetos pessoais.

(7) — Plutarco — *Defesa dos Oráculos*.

Quanto às respostas dos oráculos, na maioria das vêzes, eram ambíguas. Um dos exemplos mais comentados dessa ambigüidade, temos no caso de Creso, rei da Lídia, que manda perguntar ao oráculo de Delfos se deveria fazer uma campanha contra os persas. A Pítia, sacerdotisa de Apolo, lhe responde que êle destruiria um grande império. Certo de ter compreendido o oráculo, Creso ataca Ciro e é vencido. Indignado com a divindade que o teria enganado, manda novos emissários ao oráculo e a Pítia lhe diz que êle tinha errado, pois antes deveria ter-se informado sôbre o império que seria destruído. Êle não o fizera na vã certeza de ser o vencedor e, portanto, era êle o grande culpado e não a divindade (8)

Outras vêzes, o aráculo apresenta-se de forma mais séria, com uma linguagem mais cuidada, lembrando o estilo épico. E' o caso, por exemplo, do oráculo que aparece em Xenofonte, (9), quando a Pítia ensina a Creso o segrêdo da felicidade: "Sautón guignoskon eudaimon Kroise, peráseis" — "Conhece-te a ti mesmo, Creso, e terminarás feliz a tua vida" (10)

Temos ainda o caso do oráculo em forma de enigma, de que aparecem dois exemplos no *Livro I* de Heródoto. O primeiro (11), quando Creso manda perguntar, em Delfos, se o seu reino teria longa duração. A Pítia lhe diz:

"Mas, quando um mulo rei dos medos se tornar,
então, lídio de pés delicados, pelo Hermos de muitos seixos,
fugir e não deter-se, nem se envergonhar de ser covarde".

E Creso, certo de que nunca um mulo seria rei dos medos, satisfeito, empreende o ataque contra os persas. Vencido, fica sabendo que Ciro era êsse mulo, pois tinha, como êsse animal, origem híbrida, filho de uma meda e de um persa.

O segundo exemp'lo (12) vamos ter, quando os lacedemônios procuram saber onde está enterrado Orestes, filho de Agamenão, pois só depois que os seus restos estivessem sepultados em Esparta é que

(8) — Êste oráculo que aparece em Heródoto da seguinte forma: "en strateutetai epi Persas, megalen archén m'n katalysein" — "se marchar contra os persas, destruirá um grande império", vai aparecer em Aristóteles, *Retórica* III, 5 (1407) sob a forma de hexâmetro: "Kroisos Halyn diabás megalen archén katalysei" — "Creso, depois de atravessar o Hális, destruirá um grande império"

(9) — *Ciropedia*, VII, 2,20.

(10) — Como se sabe, o célebre provérbio, — "Gnothi seautón" — "Conhece-te a ti mesmo", encontrava-se no frontespício do templo de Delfos.

(11) — *Livro I*, 55.

(12) — *Livro I*, 67.

conseguiriam pôr fim a guerra interminável contra Tegéia. E a Pítia lhes diz o seguinte:

“Há uma cidade da Arcádia, Tegéia, num sítio plano;
lá sopram dois ventos por fôrça da necessidade,
e há golpe e contragolpe e mal sôbre outro mal.
Lá ao filho de Agamenão cobre a terra que dá a vida:
levando-o contigo, de Tegéia serás o senhor”.

E só a argúcia de Liques, cidadão lacedemônio, é que vai decifrar o enigma, após visitar uma forja e ver o trabalho de um ferreiro. Descobre, então, que os dois ventos seriam os dois foles, o golpe e contragolpe, o martelo e a malha; e o mal, o ferro que fôra descoberto para infelicidade dos homens. E assim sendo, o corpo de Orestes só poderia estar enterrado debaixo da forja, como de fato estava.

Muitas vêzes, ao contrário, o oráculo é de clareza transparente. Mas, em geral nesses casos, a cegueira dos homens não impede que se cumpram os desígnios das Moiras. E' o caso, por exemplo, de Édipo, uma das chamadas “crianças fatais”. Quando êle procura o oráculo para saber quem era, êste lhe prediz que êle mataria o pai e se casaria com a mãe. Ora, pelo que tinha ouvido e na incerteza de sua identidade, Édipo, para impedir que o oráculo se realizasse, devia, pelo menos, evitar duas coisas: matar alguém, ainda mais se fôsse um velho e casar-se e, se o fizesse, nunca com u'a mulher com idade de ser sua mãe. O fato de Édipo não preocupar-se com isso é que consiste no seu êrro fundamental, que o leva, em sua cegueira, a precipitar-se cada vez mais, no abismo de sua desgraça, para só se dar conta da autenticidade do oráculo quando não há mais solução.

Oráculos dêsse tipo aparecem, muitas vêzes, ligados a temas mitológicos e foram usados com muito êxito pelos trágicos principalmente. A presença de um oráculo no drama valorizava o tema e era mesmo um dos mais importantes recursos trágicos.

Mas é preciso que se saiba que esta ligação do oráculo a temas mitológicos é tardia. O que é primitivo é o mito mesmo. Assim, “a exposição, o abandono de uma criança que se teme” é um tema comum do folclore universal, haja vista os casos de Moisés na Bíblia, o de Ciro, entre medos e persas e mesmo o de Branca de Neve, nos contos infantís. Mas, devido à importância crescente dos oráculos e também devido a injunções das famílias sacerdotais que, durante muito tempo, tiveram papel preponderante na vida grega, os escritores comecem a inserir, nesses mitos, oráculos. Ora, se os oráculos são “ex eventu”, isto é, se são posteriores aos fatos que predizem, são sempre verdadeiros, e, apesar disso, nota-se quase sempre a preocupação do poeta ou prosador de mostrar a sua veracidade.

Um dos maiores defensores dos oráculos é, sem dúvida, Heródoto. Ele menciona dezoito santuários, onde os sacerdotes se entregavam à prática de adivinhações e cita noventa e seis consultas, das quais sessenta e quatro feitas aos oráculos de Delfos, Dodona, Ábas, Trofônio, Anfiarau, dos Brânquidas e de Zeus-Amom, este último na Líbia. É interessante notar que das sessenta e quatro consultas, cinquenta e três foram feitas em Delfos. Não há dúvida de que todos são oráculos “ex eventu”, mas o historiador está de tal forma preocupado na defesa deles, que faz uma longa digressão (13) sobre a “prova dos oráculos”, onde mostra claramente a supremacia do oráculo de Delfos.

De fato, Cresos, na ânsia de fazer campanha contra os persas, quer saber qual o oráculo mais verdadeiro e envia emissários aos mais diversos pontos da Grécia e da Líbia onde existissem oráculos. Ordena-lhes que contem cem dias e, então, perguntem aos oráculos o que está fazendo Cresos, rei dos lídios, naquele dia. Quando voltam os emissários, Cresos verifica que o oráculo de Delfos é o oráculo por excelência, pois descobrira realmente o que ele tinha feito — sem dúvida, algo bem estranho —, pois ele próprio tinha preparado carnes de uma tartaruga e de um cordeiro e as colocara a cozer juntas num caldeirão de bronze. E a Pítia lhe tinha respondido o seguinte:

“... Odor me veio aos sentidos de tartaruga de espesso casco que se está cozendo no bronze com carnes de cordeiro, debaixo dela bronze se estende e de bronze está coberta” (14)

Como vemos, pelos exemplos citados, a principal fonte que temos a respeito de oráculos é a literária, sobretudo nos trágicos e historiadores. Verificamos, todavia, que a tendência, a partir do séc. V a.C., é de uma redução de referência aos oráculos. Assim, se Heródoto cita sessenta e quatro, vamos ter quatorze em Tucídides e, em Xenofonte, nas *Helênicas*, apenas cinco. Isso se explica. O universo descrito por Heródoto abrange fatos desde a idade mítica, mais notadamente a partir da expansão dos lídios até aos fins das guerras Médicas, portanto corresponde praticamente à época áurea do oráculo de Delfos, que, como já vimos, foi 700-450 a.C.

Com o desenvolvimento do espírito crítico, normalmente tende a reduzir-se a importância dos oráculos. Por isso, em Tucídides, que não é um escritor do passado, mas uma testemunha direta dos fatos que narra, a situação é diferente. Assim os oráculos que aparecem em sua obra são quase todos anteriores à sua época. É o caso, por exem-

(13) — *Livro I*, 46-49.

(14) — *Livro I*, 47.

plo, do oráculo que prediz a morte de Hesíodo (15), evidentemente do VIII séc. a.C., e outro que está ligado a Cilão, cuja revolta, em Atenas, remonta a 630 a.C. Para resumir, dos quatorze oráculos mencionados por Tucídides, só cinco se referem à época do autor. E êle próprio critica os boatos que surgem das predições que se propagavam nos momentos de crise, ao dizer (16): “Os cresmólogos cantavam oráculos de tôda espécie, aos quais cada qual prestava atenção conforme as suas tendências pessoais” E ainda zomba das interpretações complacentes que forçam a situação para dar sempre razão aos seus profetas.

Se Tucídides não era, por assim dizer, um devoto, Xenofonte, ao contrário, era profundamente religioso. Tanto que, antes de partir para a Ásia, tinha consultado o oráculo de Delfos e, na volta, oferecera a Apolo parte do seu lucro. E, portanto, nas *Helênicas* aparecem só cinco oráculos.

Qual seria a razão disso? Isso prova que a atividade dos centros oraculares tinha decrescido e que a opinião pública se tornava cada vez mais incrédula. Ora, como vimos, o oráculo aparece normalmente na história depois do fato acontecido. E assim, quanto mais o historiador está perto dos fatos que descreve, menor lhe parece a intervenção divina e, ao contrário, quanto mais recua em direção ao passado, maior será essa interferência dos deuses, principalmente quando se trata de fatos que, racionalmente, o historiador não consegue explicar.

Se as fontes que temos são literárias e só falam de oráculos “*ex eventu*”, o que poderíamos dizer das fontes reais? As fontes realmente dignas de fé seriam os arquivos dos santuários. Mas os sacerdotes não tinham por hábito escrever as respostas dadas, nem ao menos as mais importantes. Assim sendo, as poucas fontes que temos são algumas perguntas que os consulentes apresentavam por escrito. Restaram, então, algumas placas de bronze, dos IV e III séc. a.C., que continham perguntas a Zeus, em Dodona. Quanto aos demais santuários, onde, segundo alguns estudiosos antigos e outros modernos, não era de praxe fazer a pergunta por escrito, nada ficou desses documentos originais. Teógnis, poeta do VI séc. a.C., dizia mesmo que os “*theoprópoi*” deviam guardar de cor as palavras de Pítia. E Herodoto, na “*prova dos oráculos*”, diz que Creso tinha ordenado aos emissários que *tomassem* nota do que dissesse a Pítia. Talvez esta ordem possa ser interpretada como prova de que não era costume escrever as respostas reveladas.

(15) — *Livro III*, 96.

(16) — *Livro II*, 21.

Amandry (17), todavia, diz que é provável que, pelo menos, algumas consultas em Delfos fôsem feitas por escrito e que estas teriam desaparecido devido à decomposição favorecida pelo tipo de terreno da região. Manifesta esta opinião, baseado num decreto do III a. C., de Anafe, ilha do Mar Egeu, que ordena que se grave sôbre a pedra a “cópia” — “antígraphon” — de uma consulta ao oráculo de Delfos e também numa carta da cidade de Delfos ao “genos” dos Gefiraios, que anuncia o envio do texto da pergunta e a respectiva resposta. E diz Amandry que isso confirma o que diz o *Léxico Suda* do séc. X: “Em Delfos, o consulente recebia os oráculos lacrados e lhe era vaticinado que, se abrisse os lacres, receberia um dêstes três castigos: a perda da visão, da mão ou da língua” E vêm corroborar com o que diz Amandry pesquisas arqueológicas que demonstram que o santuário de Delfos, em virtude de sua grande importância no mundo pagão, foi objeto de sistemática perseguição por parte dos imperadores cristãos.

Quanto à Pítia, a sacerdotisa de Apolo, há muitas discussões a respeito. Fontenelle, autor francês do século XVII, em sua obra, *História dos Oráculos*, faz detalhada descrição da Pítia, dizendo, textualmente que “ela senta-se numa trípode, sôbre uma fenda de onde sobem vapores — de ácido carbônico, mas de odor agradável — no fundo de um antro escuro. Depois de beber água da Fonte Cassótis e mascar fôlhas de loureiro, alguns ramos do qual tem na mão e agita, ela entra em transe sob o efeito dos vapores. Arranca os cabelos, uma espuma lhe vem aos lábios, seus sobressaltos fazem retinir o bronze da trípode. Nesse estado de neurose histérica, ela pronuncia palavras desordenadas, mas agrupadas em hexâmetros, que os sacerdotes interpretam à sua vontade”

Fontenelle baseou-se nessa descrição pormenorizada do delírio profético da Pítia em informações extraídas de autores da antiguidade, como Aristófanés, Pausânias, Plutarco e Luciano e também em Platão, que no *Fedro*, vê uma estreita ligação entre as palavras “manía” — “loucura” e “manteion” — “oráculo”

Para concluir, podemos dizer que oráculo é, antes de tudo, um processo literário. Assim, a não ser os puramente religiosos, nos demais oráculos, a imaginação dos adivinhos, dos sacerdotes e, depois, dos próprios escritores cria fantasias e apresenta êsses oráculos de acôrdo com sua vontade ou necessidade. E até a época bizantina êles continuam a aparecer.

Mas, em tese, qual teria sido o significado do oráculo para os gregos? E' que só êle podia explicar fatos de origem obscura: um

(17) — Amandry — *La Mantique Apollinienne à Delphes*. Ed. Boccard, Paris, 1950, pág. 149 e ss.

rito, um epíteto de um deus, a natureza de um objeto, o nome de uma cidade. E êle faz a revelaçã'o através de contos, de enigmas e de jô'co de pa'avras. O acontecimento, então, deixa de ser importante em si e o que importa agora é a conclusão. Assim, de certa forma, o oráculo embeleza a história ou o mito.

Com o desenvolvimento do espírito crítico, com a preocupação científica e, principalmente, com a consciência que o homem grego começa a ter de que pode explicar os fatos de modo mais racional, o orácu'lo começa a perder o seu poder, se bem que chegue a influenciar certas escolas, como a de Pitágoras, cuja adivinhação por meio de números lembra, de certa forma, a cleromançia délfica.

No séc. IV a.C., quando passou o período brilhante dos oráculos, as grandes escolas filosóficas levantam o problema da natureza da inspiraçã'o profética. A doutrina platônica crê no êxtase inspirado da Pítia. Já as escolas aristotélica e estóica procuram, nas emanações telúricas, as origens subterrâneas do oráculo. Mas as duas doutrinas opostas fundem-se na crença posterior de que uma causa material e sobrenatural ao mesmo tempo provoca o êxtase da Pítia.

E no fim do paganismo, no IV d.C., quando desapareceram os orácu'los, volta a idéia da etimologia platônica, que fazia derivar "manteion" de "mania" e diz S. João Crisóstomo que a Pítia "manias pleroumene" — "possuída de loucura", preferia, em seu delírio, "ta tes manteias e mallon manias rémata" — "as palavras do oráculos, ou melhor de loucura"

Mas, apesar de tudo, o papel que desempenhou o oráculo na vida grega foi de suma importância. Quer tivesse caráter religioso, político ou mesmo de propaganda, não há dúvida de que um dos pontos mais representativos da religião grega foi o oráculo que intervinha em todos os assuntos e, em tôdas as situações, representava a vontade divina.